

Liga das Associações de Socorro Mútuo de Vila Nova de Gaia:

110 anos, uma missão sem prazo

Após mais de um século de existência atravessado por marcadas transformações sociais, tecnológicas e científicas, a Liga das Associações de Socorro Mútuo de Vila Nova de Gaia – tal como o conceito mutualista – mantém intacta a sua razão de existir. Inspiradas por uma missão idealista, várias gerações têm actualizado um projecto social que, de tão justo e produtivo, se adequa a qualquer contexto ou época. As carências básicas são hoje menores do que há um século atrás, mas as ambições sociais da Liga evoluem em inversa proporção. Recentemente, a Liga integrou o núcleo fundador da RedeMut-Associação Portuguesa de Mutualidades, que tem como objectivo, afirmar-se como alternativa a uma rede privada de serviços de saúde, reunindo um conjunto de associações mutualistas com representação nacional e garantindo protecção em muitas especialidades médicas.

Ao oferecer este tipo de apoio aos associados das suas societárias, a Liga mostra bem o alcance das suas ambições e prova a sua capacidade de adaptação a novas épocas e a necessidades mais complexas. As novas instalações representam, por isso, um passo intermédio de um caminho que vem sendo traçado desde 1905. Hoje a Liga tem, finalmente, as condições perfeitas para receber os associados das suas societárias. No futuro, os associados irão receber nas suas casas todo o cuidado e conforto que a Liga tem para lhes proporcionar. Para além da Clínica e da já famosa Farmácia – ambas referências de qualidade e modernidade – o novo edifício compreende todos os serviços administrativos e sociais da Liga e de duas das suas societárias: A Vilanovense – Associação Mutualista e o Montepio Vilanovense de Socorro Mútuo “Costa do Goodolphim”. Na Associação Oliveirense de Socorros Mútuos, funciona também uma extensão da Clínica da Liga em algumas especialidades. O edifício da Liga possui também um Auditório com capacidade para 84 pessoas, equipado com as mais modernas tecnologias de som e imagem. Este investimento, que ascendeu a 4.250.000€, foi totalmente realizado com recurso a capitais próprios e representa um feito de referência no universo das Instituições Particulares de Solidariedade Social. Dependência foi conhecer esta instituição emblemática, e lançou um repto aos membros da Direcção, Carlos Esteves e Luís Amorim: visitar os 110 anos de história da Liga em 10 tópicos.

110 anos de existência, uma história que congrega convulsões, guerras mundiais e coloniais, crises, revoluções...

Carlos Esteves (CE) – A instituição passou, evidentemente, por todas essas situações e creio que o facto de ter subsistido se deve a ter tido à frente dos seus destinos pessoas que elegem como preocupação o próximo, a solidariedade e a entreatada. A Liga é uma federação, da qual fazem parte três instituições, A Vilanovense – Associação Mutualista, a Montepio Vilanovense de Socorro Mútuo Costa Goodolphim e a Associação Oliveirense de Socorros Mútuos. A troco de uma pequena quota, oferecemos assistência médica e medicamentosa, através de duas valências: a nossa clínica e a farmácia. Temos ainda outras vertentes: a Clínica de Estética, e a Clínica de Medicinas Integrativas.

Serviço de alta qualidade a custos baixos para associados

Luís Amorim (LA) – Infelizmente, chegámos à conclusão de que o Serviço Nacional de Saúde oferece cada vez menos cuidados e mais caros. Nós temos escala... temos 40 mil associados da nossa principal societária, a Vilanovense, e, paralelamente, conseguimos libertar meios através da farmácia – uma das cinco melhores nacionais e que já esteve entre as 25 melhores europeias. Convém realçar que, aquando desta grande crise social, entre 2011 e 2014, nós economia social, Liga e, particularmente, a Vilanovense, fomos o grande guarda-chuva de todas estas dificuldades porque demos sempre resposta às carências que deveriam ser cobertas por outros organismos, nomeadamente de cariz público. Agora, quando questionava sobre a nossa sobrevivência desde o século XIX até ao século XXI, diria que existem três factores fundamentais: a proximidade, o conhecimento de causa e a agilidade nas respostas. Este posicionamento permite-nos diagnosticar melhor a realidade e antecipar e adequar respostas às necessidades.

Farmácias sociais

CE – A Liga constitui-se para responder às necessidades na área do medicamento no princípio do século XX. Tínhamos a consciência de que era necessário auxiliar os mais desvalidos. Efectivamente, constatamos hoje que não dispomos de qualquer tipo de protecção... Repare que a nossa farmácia é de cariz universal, o que nos diferencia da farmácia social.

O reconhecimento da autarquia

CE – O Dr. Eduardo Vítor Rodrigues, antes de ser presidente da autarquia, já tinha sido secretário da direcção da Liga. Como tal, conhecia o que fazíamos, nomeadamente os protocolos que celebrámos com o poder local e com inúmeras associações de que resultam préstimos para a sociedade. A Liga, enquanto gestora da área da saúde e do medicamento das suas societárias, afecta parte dos seus resultados à manutenção e criação de novas valências e ao fomento de respostas de emergência social e, nesse sentido, também pode considerar-se um parceiro social da autarquia.



Carlos Esteves
e Luís Amorim

Plano anual de conferências

LA – Efectivamente, já vamos no quarto ano desse ciclo de conferências, que têm tido um efeito fantástico em termos de saúde pública, em domínios como o alerta, a prevenção e a informação. Resultam de um protocolo interno que celebrámos com os nossos médicos e, todas as últimas quintas-feiras de cada mês, um médico desenvolve uma temática sazonal. Assim, divulgamos a Liga junto dos nossos associados e alertamos para problemas de saúde pública. Geralmente, são os nossos associados que assistem a estas conferências mas os eventos são abertos a toda a comunidade.

Benefício na saúde para os associados

CE – Temos tabelas diferenciadas para as mais de 22 especialidades que oferecemos, consoante o facto de serem ou não associados. Além disso, temos três tipos de quota, que permitem diferentes regalias e descontos aos associados. Acabamos de lançar em parceria com a AVilanovense-AM uma nova modalidade, a quota diabetes, que pressupõe um conjunto de consultas de cardiologia, podologia, dermatologia e diabetologia e acompanhamento de enfermagem. Evidentemente, a Clínica também está aberta a não associados. Repare que, em 2014, realizámos mais de 40 mil actos médicos e de enfermagem, números que muitas USF não atingem... Uma das nossas ambições é transformarmos nesta instituição, a área da saúde numa unidade de saúde familiar e sei que os poderes públicos começam a perceber as potencialidades que temos.

Apoio social

LA – Recentemente, percebemos que tínhamos algumas lacunas na área do apoio social. Estávamos muito focados na saúde, no medicamento e no apoio ao funeral e constatámos que existiam outras áreas carentes de intervenção. A nossa societária, A Vilanovense-AM, lançou vários projectos que visam auxiliar as pessoas, seja na procura activa de emprego, seja na prestação de cuidados de saúde, de higiene pessoal e domiciliária, no apoio aos desempregados ou na entrega de medicamentos nas suas casas, através do Serviço de Apoio Domiciliário. Paralelamente, criou também nas suas instalações na Afurada uma pequena estrutura residencial de apoio aos idosos.

Divulgação do mutualismo

LA – O conceito do mutualismo esteve um pouco “adormecido” durante o século XX e parte do século XXI. Hoje, assistimos a um despertar, também fruto de novas abordagens e valências da economia social. Felizmente, também as instituições de ensino começam a perceber o potencial que o mutualismo tem e a necessidade de sedução dos mais novos. Da nossa parte, sempre que realizamos ou participamos em conferências, aproveitamos para divulgar este conceito, que de facto consiste numa área da economia que encerra um enorme potencial. A divulgação, a aproximação e a sedução são, de facto, objectivos que definimos como prioritários.

Atravessamos uma fase de transformação. É verdade que temos que chegar mais longe, aproximarmo-nos de mais pessoas e divulgar a bandeira e os valores do mutualismo. A Liga, pelo bom-nome e prestígio que tem, pode assumir um papel de relevo nesse sentido. A verdade é que, por mais do que uma vez, reunimos aqui agentes de várias associações, a quem sugerimos uma maior coesão e trabalho em conjunto e alguns projectos em que poderíamos actuar de forma mais integrada mas, normalmente, as intenções acabam-se quando



terminam essas reuniões. Repare que existe uma Liga no Porto e outra em Gaia... Imagine-se a capacidade reivindicativa e produtiva que resultaria de um trabalho em perfeita sintonia... Por aqui, vamos congregando esforços no sentido de alterar esta realidade. Recentemente, encetámos contactos com algumas escolas secundárias, no sentido de fazermos pedagogia informativa e sensibilizar as crianças a partir dos 10 anos; no Dia Mundial da Criança, convidamos as crianças a visitarem-nos, fazemos campanhas em eventos desportivos, nas praias... Em suma, vamos fazendo o possível para levarmos cada vez mais longe os bons ofícios do mutualismo. Claro que também precisamos do auxílio da União das Mutualidades, do trabalho da RedeMut e das mais variadas instituições que integram este movimento.

Novas respostas

LA – Em função das instalações que temos, pretendemos criar respostas sociais na área da saúde. Após o investimento que realizámos na Clínica, que nos dotaram de uma capacitação tecnológica e de equipamentos de altíssima qualidade em diversas especialidades, estamos agora focados nessas respostas sociais na área da saúde.

Pontos fortes/pontos fracos

CE – Com alguma vaidade diria que não teremos muitos pontos fracos... Temos uma assistência médica do melhor que existe em Vila Nova de Gaia, recrutámos médicos no principal hospital da cidade, o Santos Silva, que formam outros médicos do mundo em diversas especialidades e técnicas, temos equipamento de vanguarda...

LA – Entretanto, em consonância com a escala que fomos adquirindo, profissionalizámos a gestão da Liga e adoptámos uma gestão planeada por objectivos. Criámos um sentido de organização muito vincado e afirmativo, investimos significativamente em qualidade aquando da contratação e na formação contínua do nosso pessoal efectivo e dos prestadores de serviços. Certificamos a nossa farmácia, certificamos a nossa Clínica médica e avançaremos brevemente para a certificação da Clínica de Estética e a Clínica de Medicina Integrativas. Por fim, avançaremos para a certificação em Responsabilidade Social – Iso 26.000. Outro ponto forte que delineámos foi o preço das consultas e dos serviços que prestamos, algo que nos permite chegar a cada vez mais utentes, associando essa prática à qualidade das nossas instalações e à constante inovação. Claro que todos nós temos calcanhares de Aquiles e, efectivamente, um dos pontos fracos que temos prende-se com a fraca visibilidade do mutualismo. Lutamos, divulgamos, investimos imenso e gradualmente vamos sentindo uma pequena alteração do paradigma e das mentalidades, no que ao Mutualismo diz respeito. Temos futuro.



Vítor Rodrigues, Presidente da Câmara Municipal de Gaia...

Estando nós num evento na área da saúde, perguntar-lhe-ia como vai a saúde da autarquia de Gaia...

Vítor Rodrigues (VR) – Do ponto de vista da motivação e da genica de trabalho, está muito bem. Do ponto de vista da estrutura financeira, estamos a recuperar fortemente de uma situação que era muito má. Fruto da recuperação de 30 milhões que conseguimos fazer no ano passado, permite-nos estar um pouco mais tranquilos, ainda que conscientes das grandes responsabilidades que temos pela frente. Apesar de tudo, estamos muito confiantes de que as coisas irão finalmente encarregar e de que seremos capazes de colocar o município na linha da frente da sustentabilidade.

Foi uma terapêutica aplicada após um diagnóstico?

VR – Sim, foi uma terapêutica aplicada a realização de um diagnóstico de emergência. Esta não era uma situação normal mas continuamos a perseguir o objectivo de termos um município de excelência no que respeita à sustentabilidade.

Contrariamente ao que é habitual, temos hoje um edil que solicitou o apoio de uma instituição...

VR – Pelo menos, trata-se do reconhecimento de que não estamos perante uma instituição subsídio dependente. Tem um conjunto de valências que podem ser fundamentais numa parceria com a Câmara, nomeadamente no domínio das escolas. Por isso, deixei esse repto público, relativamente a um trabalho que já está a ser feito desde há algumas semanas e que levará a que tenhamos um conjunto de respostas, no início do ano lectivo, ao nível dos rastreios de saúde, nos jardins de infância e escolas do primeiro ciclo do concelho, com o apoio desta instituição que, como se viu, tem uma qualidade técnica absolutamente fantástica.

Esta parceria parece ir de encontro ao que tem vindo a preconizar para a Área Metropolitana do Porto, onde fala em descentralização e regionalização... É esse o caminho?

VR – Julgo que sim. As pessoas já perceberam que as disputas e lutas entre concelhos e presidentes de câmara tinham unicamente a ver com protagonismo pessoal e com vaidades. A região precisa de gente que se entenda, não obstante o facto de cada um ter que defender os interesses do seu município. Mas estou convencido de que esses interesses serão melhor defendidos se forem resultantes de diálogo e articulação em vez de disputas estereis.

Será o Centro de Congressos a sua grande obra?

VR – É uma das... Para mim, a grande obra, não sendo especificamente da Câmara, será sempre o Hospital de Gaia. É uma obra em que a Câmara tem um papel muito importante, que toda a gente anunciava há 20 anos, mas que agora está a ser feita. Claro que o Centro de Congressos, do ponto de vista económico, de captação de empresas, de investimentos, de hotelaria e de emprego é uma âncora fundamental para o município, que temos que agarrar antes que outros o façam.

O que poderão esperar os gaienses deste novo quadro comunitário de apoio, relativamente à resolução dos seus problemas?

VR – Desde logo, podem esperar muita ambição da Câmara. Conseguimos ficar na linha da frente do volume de investimentos no pacto metropolitano... mas estou convencido que, mesmo assim, era preciso mais... até para a Área Metropolitana... Mas temos que ter este duplo objectivo, de defender investimentos e dinheiro para o município mas também não perder de vista que, apesar de estarmos relativamente bem na distribuição que foi feita, a Área Metropolitana e a região precisavam de muito mais do que aquilo que foi afectado. E isto resulta do facto de ainda continuar a haver uma grade tendência para manter centralizadas as unidades de gestão e os próprios investimentos que resultam do quadro comunitário.

Como consegue uma autarquia tão endividada baixar impostos aos seus municípios?

VR – O endividamento não é do povo. O endividamento era da Câmara Municipal e resultava de gorduras. Eu sei que o normal, numa situação destas, é ir ao bolso do contribuinte... O que tentei mostrar foi que, se o problema residia na Câmara e nas suas gorduras, quem tem que conter e emagrecer é a Câmara. Acho que fui bem sucedido porque conseguimos baixar o IMI e a derrama, perdemos 4 milhões de euros de receita directa mas, em contrapartida, tivemos a opção clara de reestruturar, reorganizar e emagrecer a estrutura e de fazer boa e rigorosa gestão, algo fundamental quando se trata da coisa pública.

